

CORPOS PASSÍVEIS DE AFETO SOB UMA PERSPECTIVA AFROCENTRADA

Gisele da Conceição Castro de Oliveira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: giselehistarte@gmail.com

...Foram vinte e cinco anos pra eu me achar lindo.
Sempre tive o mesmo rosto, a moda que mudou de
gosto. E agora querem que eu entenda seu afeto
repentino. Eu só tô tentando achar a autoestima que
roubaram de mim, que roubaram de mim, que roubaram
de mim. Eu só tô tentando achar a autoestima...

Baco Exu do Blues (trecho da música Autoestima)

895

INTRODUÇÃO

Este trabalho compreende parte de uma pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento realizada junto à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Neste sentido, foi selecionado o tema afeto, dentro de uma perspectiva afrocentrada, sendo traduzido então como “afroafeto”, para compor a proposta de trabalho a ser apresentada neste colóquio. O tema foi escolhido por ser parte estruturante da pesquisa supracitada, sendo ele orientado a partir do trabalho de mulheres negras que estão à frente de instituições de caráter social ligadas ao terceiro setor, atuantes na Baixada Fluminense, RJ. Para além da significação desta palavra, este trabalho busca apresentar o afroafeto como tecnologia social no combate às desigualdades presentes neste território.

No âmbito geral da pesquisa, a ideia central é identificar como essas mulheres têm, dentro de suas práticas afetivas, colaborado para o desenvolvimento de territórios mais saudáveis e sustentáveis, estando essas práticas em consonância com alguns dos objetivos da Agenda 2030 da ONU. No entanto, neste primeiro momento nos prenderemos ao objetivo de evidenciar as potencialidades do afroafeto como uma tecnologia de grande valia no combate ao racismo estrutural. Também como eixos suleadores apresentaremos a educação não formal e o conceito de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) para problematizarmos as múltiplas conexões existentes entre os temas.



Todo ser humano merece ser respeitado, ser protegido e tratado com dignidade como prevê os Princípios Fundamentais da Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) e também assegurados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). Então por que a nossa sociedade elege corpos que são merecedores de afeto e corpos que não merecem afeto? Essa pergunta/provocação estabelece diálogos profundos com o racismo estrutural que permeia vários setores sociais. Esse não direito ao afeto se constitui como um produto do racismo. Dentro dessa lógica cruel de corpos passíveis de afeto e de corpos não passíveis, as estruturas sociais brasileiras também escolhem corpos que podem ser matáveis/descartáveis e corpos que merecem ser protegidos, amados e respeitados.

O afroafeto como tecnologia social sendo constantemente utilizado dentro de ONGs na Baixada Fluminense, sob o viés da educação não formal, se constitui como um novo jeito de ensinar que tem por finalidade fazer com que pessoas pretas resgatem sua humanidade por meio de uma matriz de conhecimento pautada na ancestralidade dos povos pretos. Hooks diz que “precisamos ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos”, a autora diz ainda que “isso é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (HOOKS, 2013).

A relevância desse tema se justifica pelo fato de a Baixada Fluminense, historicamente, desde sua concepção ser continuamente afetada pela ausência de políticas públicas intersetoriais, fato que contribui significativamente para os índices negativos de desenvolvimento social. Nesse sentido é importante localizarmos geográfica e historicamente este território, segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP) a Baixada Fluminense faz parte da região metropolitana do Rio de Janeiro e compreende 13 municípios, sendo eles: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica.

Seu processo de ocupação populacional se deu por volta do século XVI (OLIVEIRA, 2004) e desde de então os municípios dessa região enfrentam diversos problemas como: a precariedade de acesso à educação; ausência de planos de mobilidade urbana e habitação; saneamento básico insuficiente; baixo acesso à saúde e práticas saudáveis; dificuldades de acesso a emprego e renda, entre outros (MAPA DA DESIGUALDADE 2020 – CASA FLUMINENSE, 2020). Ainda neste cenário é importante ressaltar que mesmo que os municípios desta região tenham pontos de



intersecção, levando em conta suas problemáticas sociais, a Baixada Fluminense não pode ser entendida como um bloco denso, pois cada um desses municípios possui singularidades e hábitos culturais distintos. Essa informação é importante para repensarmos alguns estereótipos relacionados à Baixada Fluminense. Também nesse sentido é de suma importância refletir e se discutir esses temas dentro do âmbito acadêmico, onde a educação não formal pode ser entendida como um poderoso mecanismo de fortalecimento de uma cultura e educação antirracista. Principalmente quando olhamos para as lideranças femininas negras atuantes neste território.

897

METODOLOGIA

O método de pesquisa prioriza a abordagem qualitativa e finalidades exploratórias. Porém, considera também os dados quantitativos inerentes ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) local; taxas de mortalidade, em especial, as de feminicídio. A interdisciplinaridade permeia os materiais bibliográficos que transitam pelos temas: educação; educação não formal; relações étnico-raciais; iniciativas populares do terceiro setor e a história da Baixada Fluminense. Também se fará necessário realizar uma revisão bibliográfica de autores e autoras que se ocuparam em estudar o tema afeto e afroafeto nos últimos anos para corroborar com a ampliação e conceitualização deste tema.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pretende-se com essa pesquisa ampliar o debate a respeito do tema afeto e afroafeto dentro da lógica de uma educação racializada. E também evidenciar a relevância desse tema dentro do processo de novas perspectivas educacionais, em especial, àquelas lideradas por mulheres negras em organizações e/ou projetos sociais. Além disso, suscitar reflexões a respeito de problemas sociais evidenciados na Baixada Fluminense e conectá-los a uma esfera global a partir da Agenda 2030 da ONU. E por último problematizar a necropolítica do Estado do Rio de Janeiro no eixo Baixada Fluminense.

CONCLUSÕES

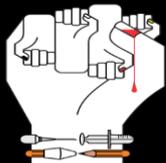
Tratando-se de uma pesquisa ainda em andamento, apontaremos algumas considerações parciais dos conteúdos apresentados até o momento, bem como sugestões de aprofundamentos.

Realização:



Apoio:





Consideramos então que o afroafeto, sendo uma tecnologia pautada na ancestralidade do povo preto, têm sido recorrentemente utilizado por lideranças femininas negras no território da Baixada Fluminense, dentro ONGs, coletivos e grupos. Também consideramos importante ressaltar o quão necessário se faz a difusão de uma educação racializada e decolonizadora em periferias como as quais estamos lidando nesta pesquisa. Sugerimos um aprofundamento sobre as estratégias de rede utilizadas pelas lideranças femininas negras para entendermos como mesmo sendo transversalizadas pelos marcadores de gênero, raça e classe essas mulheres conseguem resistir e fazer frente pelo direito de terem territórios mais saudáveis e sustentáveis.

898

PALAVRAS-CHAVE: Afeto. Afroafeto. Educação não formal. Baixada Fluminense. Interseccionalidade. Agenda 2030 da ONU.

REFERÊNCIAS

Agenda 2030 da ONU. Disponível em: <https://sdgs.un.org/>. Acesso: 25 de abril de 2022.

Mapa da Desigualdade 2020 - Casa Fluminense. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/>. Acesso: 25 de abril de 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidades: feminismos plurais.** São Paulo: Editora Polén, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso: 25 de abril de 2022.

ONU, **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso: 25 de abril de 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir,** a educação com prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

OLIVEIRA, Rafael da Silva. **Baixada Fluminense: novos estudos e desafios.** Rio de Janeiro: Editora Paradigma, 2004.